



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

DISCURSOS SOBRE A MASCULINIDADE EM *A VIEW FROM THE BRIDGE*

João Marcos Santos Esteves Oliveira

Rio de Janeiro
2021

JOÃO MARCOS SANTOS ESTEVES OLIVEIRA

DISCURSOS SOBRE A MASCULINIDADE EM *A VIEW FROM THE BRIDGE*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português / Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michela Rosa Di Candia

RIO DE JANEIRO

2021

OO48d Oliveira, João Marcos Santos Esteves

Discursos Sobre a Masculinidade em A View from the Bridge /
João Marcos Santos Esteves Oliveira. - Rio de Janeiro, 2021.
42f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michela Rosa Di Candia
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em
Letras: Português - Inglês, 2021.

1. Gênero. 2. Masculinidades. 3. Masculinidade Hegemônica.
4. Arthur Miller. 5. A View from the Bridge. I. DICANDIA, Michela
Rosa, orient. II. Título.

JOÃO MARCOS SANTOS ESTEVES OLIVEIRA
DRE: 117096770

DISCURSOS SOBRE A MASCULINIDADE EM *A VIEW FROM THE BRIDGE*

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras na habilitação
Português / Inglês.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Michela Rosa Di Candia
Faculdade de Letras - UFRJ

Prof. Dr. Roberto Bezerra da Silva
Faculdade de Letras - UFRJ

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer a todas as pessoas que me ajudaram e me acompanharam nesse caminho. Através do ingresso na Faculdade Federal do Rio de Janeiro, pude crescer, conhecer diferentes realidades e sair da minha pequena bolha na Zona Norte da cidade. Agradeço primeiramente àqueles que me proporcionaram a conquista desse espaço na melhor universidade do Brasil. Obrigado mãe e pai por terem me apoiado durante todos esses anos com o investimento na minha educação, mesmo quando o dinheiro era escasso.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos mais próximos da UFRJ: Brendha Portela, Carolina Souza, Clarice Frauches, Fernanda Jardim, Larissa Pessôa, Lucas Benamor, Marcelo Ferreira, e Leandro Reais. Um grupo formado nas primeiras semanas da universidade que me acompanhou durante toda essa jornada, tanto nos momentos felizes quanto nos difíceis. Nosso papo furado no café da faculdade, nossas tardes esperando as disciplinas de educação, nossas conversas no grupo do WhatsApp, dentre outros vários momentos, me mantiveram são nos momentos mais complicados da graduação. Obrigado por compartilharem essa fase comigo e me ajudarem nas horas penosas, sempre reafirmando o meu potencial quando eu o esquecia. Não consigo imaginar como seria a graduação sem vocês.

À Prof.^a Dr.^a Michela Rosa Di Candia pela paciente orientação durante o desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso. Durante a graduação, suas disciplinas foram, sem sombra de dúvida, umas das minhas favoritas. Nelas, fui apresentado a diferentes obras – incluindo esta que estou analisando neste trabalho – que me possibilitaram refletir sobre temáticas importantes e me motivaram, além da afinidade com o material, a buscar sua orientação nesse trabalho.

Gostaria de agradecer também aos professores da Faculdade de Letras pelo conhecimento transmitido, em especial para aqueles que acreditaram em mim e me ajudaram nas dificuldades enfrentadas. Embora tenha entrado na graduação com dúvidas acerca do meu futuro na profissão, concluo ela, graças a vocês, certo que seguirei na docência na tentativa de transformar a vida dos meus alunos através da educação. Obrigado pela compreensão de todos e o empenho em formar professores e pesquisadores conscientes e preparados para o caminho que escolherão trilhar.

RESUMO

A View from the Bridge é uma peça teatral escrita pelo dramaturgo estadunidense Arthur Miller que retrata o impacto da chegada de imigrantes ilegais na comunidade ítalo-americana localizada em Red Hook, Nova Iorque. Rodolpho e Marco são acolhidos pela família Carbone, mas a estadia desses personagens no novo lar gera um desconforto na tão solidificada estrutura familiar composta por Eddie, sua esposa Beatrice e a sobrinha Catherine. As construções do gênero masculino são questionadas por Eddie, que desqualifica a diferença identitária de Rodolpho utilizando-se do padrão de práticas que incorpora a forma mais honrada de ser um homem. Tudo aquilo que difere dos discursos vigentes gera tensão. Por isso, diante do cenário exposto, o objetivo deste trabalho é investigar de que forma as performances masculinas (Eddie, Rodolpho e Marco) des/constroem os discursos normativos sobre a masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Masculinidades; Masculinidade Hegemônica; Gênero; *A View from the Bridge*; Arthur Miller; Peça Teatral

ABSTRACT

A View from the Bridge is a play written by the American playwright Arthur Miller that portrays the impact of the arrival of illegal immigrants on the Italian-American community located in Red Hook, New York. Rodolpho and Marco are welcomed by the Carbone family, but the stay of these characters in their new home creates discomfort in the so solidified family structure composed of Eddie, his wife Beatrice and niece Catherine. The constructions of the male gender are questioned by Eddie, who disqualifies Rodolpho's identity difference using the pattern of practices that incorporate the most honorable way of being a man. Everything that differs from current discourses generates tension. Therefore, given the above scenario, this work intends to investigate how male performances (Eddie, Rodolpho and Marco) de/construct normative discourses about masculinity.

KEYWORDS: Masculinity; Masculinities; Hegemonic Masculinity; Gender; *A View from the Bridge*; Arthur Miller; Play

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E A DINÂMICA HIERÁRQUICA EM A VIEW FROM THE BRIDGE.....	11
2.1 OS POSICIONAMENTOS DE EDDIE CARBONE.....	13
2.2 O RUÍDO NA CUMPLICIDADE DE MARCO E EDDIE.....	21
2.3 OS QUESTIONAMENTOS ACERCA DA IDENTIDADE DE RODOLPHO.....	24
2.4 OS DESEJOS DE EDDIE CARBONE.....	30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

*A View from the Bridge*¹ é uma peça teatral que teve sua primeira performance em 1955 na Broadway, em Nova Iorque. Escrita pelo dramaturgo estadunidense Arthur Miller, a peça foi revisada e, posteriormente, performada em sua segunda e atual versão² – com dois atos, diferente da primeira desenvolvida em apenas um – na cidade de Londres em 1956. Miller, nascido de pais imigrantes em Nova Iorque no dia 17 de outubro de 1915, ganhou a vida como jornalista e escrevendo roteiros de rádio após sua graduação em jornalismo na Universidade de Michigan em 1938. Na Segunda Guerra Mundial, o autor também trabalhou na instalação de navios por dois anos no Estaleiro da Marinha do Brooklyn e teve a oportunidade de conviver com trabalhadores italianos.

O autor teve sua primeira peça de teatro produzida profissionalmente, *The Man Who Had All the Luck*, encenada na Broadway em 1944, porém, Miller obteve notoriedade com a produção de *Death of a Salesman* (1949) – ganhadora do Prêmio Pulitzer no mesmo ano de seu lançamento. Dentre seus principais materiais podemos mencionar *The Crucible* (1953), *A View from the Bridge* (1955), *After the Fall* (1964), *The Price* (1968), *The Archbishop's Ceiling* (1977), *The American Clock* (1980), *Broken Glass* (1994), dentre outras. Arthur Miller é reconhecido como um dos dramaturgos mais importantes e influentes do mundo e examina em suas peças – muitas das quais consideradas políticas – a posição do indivíduo em relação às suas responsabilidades e seu local na sociedade.

Em *A View from the Bridge*, Miller se utiliza de experiências vivenciadas e observadas ao trabalhar no porto e sua raiz imigrante para construir o enredo da peça. Em sua biografia, nomeada *Timebends*, o autor revela que utilizou uma história mencionada por um amigo advogado na qual um estivador³ denunciou ao Departamento de Imigração dois irmãos que viviam ilegalmente em sua própria casa para romper o noivado entre um deles e sua sobrinha. Aliado a isso, em sua viagem

¹ Com um enredo atual e relacional, a peça foi adaptada para diferentes mídias como cinema, televisão, ópera e rádio. Dentre os diferentes prêmios ganhos entre suas remontagens temos o prêmio Best Revival of a Play do Tony Awards, em 1998 e 2016 e Outstanding Revival of a Play do Drama Desk Award em 1998, 2010 e 2016.

² Versão essa que será analisada neste trabalho.

³ Estivador “é o técnico responsável pela colocação, retirada e/ou arrumação de cargas nos porões ou sobre o convés de embarcações [...]” Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estivador>>. Acesso em: 11 out. 2021.

para Sicília, Itália, ele presenciou a pobreza e o desespero de trabalhadores em conseguirem um emprego. Tais fatos proporcionaram ao autor o que se tornaria posteriormente o conteúdo de *A View from the Bridge*.

Narrada pelo advogado Alfieri⁴, *A View from the Bridge* se ambienta no bairro de Red Hook nos anos de 1950, populada majoritariamente por imigrantes ítalo-americanos e descrito como “a favela que fica de frente para a baía no lado da ponte de Brooklyn voltada para o mar. [...] a garganta de Nova Iorque” (p. 4, tradução nossa)⁵. Nele, acompanhamos o núcleo familiar composto por Eddie, o chefe da família e estivador, Beatrice, esposa de Eddie e dona de casa, e Catherine, a sobrinha do casal. A família aguarda a chegada de dois primos de Beatrice chamados Marco e Rodolpho que entraram no país ilegalmente buscando o sonho americano. Porém, a chegada dos personagens desestabiliza a harmonia da família. Conforme o desenvolvimento do laço amoroso entre Catherine e Rodolpho, uma suspeita insatisfação toma conta de Eddie, que passa a questionar a orientação sexual de Rodolpho. Quando os jovens decidem se casar, Eddie reporta os primos como imigrantes ilegais e essa traição ao código de honra da comunidade⁶ chega aos ouvidos de seus vizinhos, os quais se voltam contra o personagem. A peça é finalizada com uma luta corporal na frente da comunidade protagonizada por Eddie e Marco. Nela, Marco utiliza a própria faca de Eddie para matá-lo e o embate termina com o personagem morto nos braços de sua esposa.

Na peça, observamos diversos temas como a imigração italiana nos Estados Unidos que, de acordo com o censo americano, chegou a aproximadamente 3 milhões e 800 mil imigrantes entre 1901 e 1950 (CAVAIOLI, 2008). Nessa diáspora, muitos buscavam o sonho americano, porém, a realidade era diferente do almejado. Ao chegarem em seu destino, muitos encontravam más condições de trabalho e discriminação enquanto batalhavam pela falsa ideia de que, naquela terra, todos teriam oportunidades iguais. Dessa forma, a ideia postulada sobre o sonho americano segundo James Truslow Adams (1931) de que o sonho proporcionaria uma vida melhor, mais rica, mais plena e com oportunidade para todos prova ser uma ilusão.

⁴ Personagem, o qual, além de conhecer o código de honra italiano por viver na Itália até seus 25 anos, funciona na peça similarmente a um coro das tragédias gregas.

⁵ No original: “the slum that faces the bay on the seaward side of Brooklyn Bridge. [...] the gullet of New York”.

⁶ Código que rege a comunidade italiana e se refere à união e à não-delação de imigrantes ao Departamento de Imigração.

A desigualdade social também é retratada nas diferentes comunidades da peça – a italiana e a americana –, separadas pela ponte do Brooklyn, alusão ao nome e a capa de muitas publicações da peça. Um importante símbolo da cidade de Nova Iorque, ela conecta os bairros de Brooklyn, considerado na época um bairro pobre e habitado por imigrantes, e Manhattan, um centro econômico e administrativo no qual se concentravam os mais ricos. A ponte promove a ligação entre dois espaços/realidades e, principalmente, a tentativa de crescimento econômico dos personagens que por ventura conseguirem atravessá-la. É importante notar que a geografia nesta peça denuncia a classe social dos personagens em foco. Esse símbolo também se repete entre os imigrantes ilegais Marco e Rodolpho, “presos” entre as normas e a cultura italiana e norte-americana, e Catherine, “presa” entre seu relacionamento com Eddie e Rodolpho.

Ao tentarem se inserir na comunidade americana, os personagens oriundos – e descendentes – da Itália carregam os costumes, hábitos e linguagem do local de origem. Além da união da comunidade ítalo-americana e o código de honra vigente, os discursos sobre a masculinidade são evidenciados nas dinâmicas dos personagens masculinos, já que aos olhos de Eddie Carbone, Rodolpho é tido como distinto da heteronormatividade. Sendo assim, em *A View from the Bridge* é importante analisar a construção social "ser homem" a partir dos estudos sobre a masculinidade e investigar o posicionamento de Eddie sobre Rodolpho e o seu poder sobre as personagens femininas, Beatrice e Catherine.

Diante do contexto exposto, a utilização de estudos de gênero é igualmente crucial para entendermos a performance dos personagens. Para Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (2009, n.p), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Da mesma forma, podemos transpor essa célebre sentença para: ninguém nasce homem: torna-se homem ao identificarmos o gênero como identidade constituída socialmente no decorrer do tempo. Diferente do sexo, categorização biológica baseada principalmente no potencial reprodutivo, gênero não é algo com que nascemos ou que temos, mas algo que fazemos (WEST e ZIMMERMAN, 1987 apud ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003), algo que performamos (BUTLER, 1990 apud ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003).

Para o escritor americano William Faulkner, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1949, a única coisa sobre a qual vale a pena escrever é o coração

humano em conflito consigo mesmo⁷. A partir da análise dos conflitos internos e externos vivenciados por Eddie Carbone, pretendo analisar de que modo os discursos sobre a masculinidade são des/construídos na peça. É possível eleger apenas uma masculinidade? De que forma os personagens Eddie, Marco e Rodolpho ratificam ou questionam a masculinidade hegemônica?

A fim de elucidar tais questões, o trabalho será dividido em introdução, análise e considerações finais. Na introdução abordo questões gerais sobre o autor e a peça teatral. O capítulo de análise está subdividido em quatro partes. Na primeira analiso os posicionamentos de Eddie Carbone. Na segunda analiso o ruído na cumplicidade de Marco e Eddie. Na terceira analiso os questionamentos acerca da identidade de Rodolpho. Na quarta analiso os desejos de Eddie Carbone. Em todas elas demonstro o impacto dos discursos sobre a masculinidade na construção do texto literário. Para isso, utilizarei os trabalhos da renomada cientista social australiana Raewyn Connell, o livro *Language and Gender* (2003) das autoras Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet, o livro *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2004) organizado pelo autor Tomaz Tadeu da Silva, dentre outros, para embasar minha análise. Nas considerações finais, retomo os elementos mais relevantes abordados nas partes anteriores.

2. A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E A DINÂMICA HIERÁRQUICA EM A VIEW FROM THE BRIDGE

Em *Discursos Sobre a Masculinidade* (1998), o professor Pedro Paulo de Oliveira discorre sobre as diferentes perspectivas no debate acadêmico acerca da masculinidade e aborda um conceito alternativo para o que vinha sendo debatido na área. De acordo com ele, através do discurso feminista sobre relações de gênero, “análises que representavam a condição masculina enquanto vítima de um conjunto de fatores sociais e psíquicos”⁸ (OLIVEIRA, 1998, p. 92) puderam ser criticadas. Um dos resultados desse trabalho crítico foi o conceito da masculinidade hegemônica,

⁷ Discurso de William Faulkner no Banquete Nobel na Prefeitura de Estocolmo, 10 de dezembro de 1950. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1949/faulkner/speech/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

⁸ Entre os exemplos desses discursos vitimatórios, os quais reclassificavam o homem como “o sexo frágil” (OLIVEIRA, 1998, p. 96), estão o trabalho de Joseph Pleck em *Men's Power with Women, Other Men, and Society: a men's movement analysis* (1974) e de Nancy Chodorow em *The Reproduction of Mothering* (1978).

sistematizado em *Towards a New Sociology of Masculinity* (1985) por Tim Carrigan, Raewyn Connell e John Lee e posteriormente, integrado a uma teoria de gênero sociológica por Connell no livro *Gender and Power* (1987).

De acordo com Carrigan, Connell e Lee (1985, p. 589 apud OLIVEIRA, 1998, p.104), “a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais”. Ela é entendida por Connell e Messerschmidt (2013, p. 245) como um padrão de práticas que incorpora a forma mais honrada de ser um homem. Além disso, demanda que todos os homens se posicionem em relação a essa hegemonia, validando ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens. Como um conceito normativo, a masculinidade hegemônica também rejeita qualquer variação comportamental masculina que não se encaixe em seus princípios. Dessa forma, “subjaz um processo de luta contínuo que envolve mobilização, marginalização, contestação, resistência e subordinação das modalidades de ser masculino não sancionadas pela matriz hegemônica.” (OLIVEIRA, 1998, p. 104)

O conceito, segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 262), se fundamenta na combinação da pluralidade das masculinidades e na hierarquia entre elas. Dentre elas, Connell (2005) aborda a própria masculinidade hegemônica, a marginalizada e a subordinada, a qual, de acordo com a autora, está na parte inferior da hierarquia de gênero entre os homens. Em *A View from the Bridge* é possível identificar essa hierarquia entre os personagens Eddie e Rodolpho que travam um conflito identitário ao longo da peça. Um dos exemplos dessa hierarquia é a contínua discriminação de Rodolpho e a insatisfação de Eddie com o personagem, como veremos de forma mais detalhada nas próximas seções.

Contudo, segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), a masculinidade hegemônica não significa somente a violência, como “a exclusão política e cultural, o abuso cultural, a violência legal, a violência nas ruas, a discriminação econômica e boicotes pessoais” (CONNELL, 2005, p. 78, tradução nossa)⁹. Ela também se refere a ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão. Nesse sentido, o conceito não se limita à interação face a face, como no ambiente familiar, transmitida de pai para filho, irmão mais velho para irmão mais novo, ou pelas comunidades imediatas – como a comunidade ítalo-americana, onde a peça se ambienta. Ele também opera em níveis regionais e globais.

⁹ No original: “political and cultural exclusion, cultural abuse ([...]), legal violence ([...]), street violence ([...]), economic discrimination and personal boycotts”.

Embora o conceito seja próprio de apenas um pequeno grupo concreto, como apontado por Carrigan, Connell e Lee (1985, p. 592 apud OLIVEIRA, 1998, p. 105), “a masculinidade hegemônica é sustentada e mantida por um amplo segmento da população masculina em função da gratificação fantasiosa de fazer parte do poder que ela proporciona”. Além disso, o autor menciona benefícios decorrentes da dominação masculina sobre as mulheres nas instituições, como melhores salários e postos, como motivos concretos para a sustentação desse conceito. Cabe ainda ressaltar que a cumplicidade com essa hegemonia, de acordo com os autores mencionados anteriormente, se estende a homens que não adotam uma versão forte da dominação masculina e a mulheres heterossexuais complacentes com essas práticas.

A masculinidade hegemônica, emergida nas ciências sociais, é um conceito amplamente utilizado em diferentes áreas – como na educação, criminologia, saúde, mídia, dentre diversos outros campos acadêmicos – e ainda recebe reformulações, como as apresentadas em Connell e Messerschmidt (2013). De acordo com esses autores, o termo foi empregado em cerca de 200 artigos até o momento da publicação de *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*, dentre outras centenas de textos que usam uma variante ou que se referem ao termo. Sua utilização na análise dos discursos sobre a masculinidade em *A View from the Bridge* é pertinente não só para entender as tensões acerca do que significa ser homem entre os personagens masculinos na peça, ambientada na década de 1950, como também as dinâmicas vigentes na sociedade contemporânea.

2.1 OS POSICIONAMENTOS DE EDDIE CARBONE

Em *A View from the Bridge*, Eddie Carbone é representado como um homem mais velho e rústico que, além de trabalhar no porto, é o chefe do núcleo familiar composto por sua esposa Beatrice e sua sobrinha Catherine. Inicialmente bem visto pela comunidade ítalo-americana em que está inserido, o personagem transpassa por diferentes conflitos – internos e externos – que extrapolam o aceitável tanto para sua família quanto para sua comunidade, como veremos ao decorrer deste trabalho. Através do conceito da masculinidade hegemônica, compreendemos a posição de Eddie e as dinâmicas de gênero envolvendo o personagem.

Como grande representante da masculinidade hegemônica na peça, Eddie reafirma a subordinação das mulheres aos homens e, principalmente, a hierarquia entre as masculinidades através de diferentes atos. Eddie é compreendido como o provedor da família enquanto sua esposa é responsável por cuidar de Catherine e da moradia. Essa relação de poder, a qual figura a dominância do homem e a subordinação da mulher, denominada patriarcado, é observada se prestarmos atenção na quantidade de vezes em que Beatrice está na cozinha ou sai desse ambiente para servir a comida. Essa representação remonta à divisão de trabalho discutida em *Language and Gender* (2003) por Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet e nos ajuda a compreender o papel de ambos os personagens na dinâmica familiar, a qual ainda é reproduzida na atualidade.

De acordo com Eckert e McConnell-Ginet, “a divisão de gênero do trabalho na sociedade ocidental depende fortemente da atribuição das funções das mulheres ao domínio doméstico ou privado e dos homens ao domínio público” (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003, p. 38, tradução nossa)¹⁰. Para as autoras, essa distinção em todas as sociedades envolve tanto poder quanto status. Enquanto as atividades dos homens compreendem maior poder social e acesso a cargos influentes, as mulheres, por outro lado, exercem a sua influência em ambientes domésticos e dependem da posição de seus parentes do sexo masculino no mercado de trabalho. Ademais, essa divisão, de acordo com as autoras, é comumente – e erroneamente – associada aos papéis reprodutivos destinados às mulheres. Elas são geradoras de seus filhos e encarregadas de criá-los e cuidar não somente deles, mas também de todo o lar e os indivíduos pertencentes a ele. Em *A View from the Bridge*, como vimos anteriormente, Beatrice ocupa esse papel no domínio doméstico e é responsável por cuidar de sua sobrinha, de seu marido Eddie e dos afazeres domésticos enquanto Eddie é responsável pelo domínio público por sustentar a casa.

Uma outra dinâmica que reafirma a subordinação das mulheres ao homem representado por Eddie Carbone é o episódio em que sua sobrinha Catherine recebe uma oportunidade de trabalho. Nesse cenário, Eddie exerce seu poder nas relações de gênero e está encarregado de aceitar ou não que sua sobrinha trabalhe. Porém, ao decorrer da cena, o personagem cria diferentes pretextos para amedrontar a sobrinha acerca do seu deslocamento para o domínio público. Dentre eles, Eddie

¹⁰ No original: “The gendered division of labor in western society relies heavily on the allocation of women’s function to the domestic, or private, realm and men’s to the public realm”.

aborda o bairro onde ela irá trabalhar como uma forma de argumentar contra o seu deslocamento, como no seguinte trecho: “EDDIE: Na proximidade da marinha muita coisa pode acontecer em um quarteirão e meio. E uma empresa de encanamento! Isso é um passo à frente da água. Eles são praticamente estivadores” (p. 13, tradução nossa)¹¹.

Além disso, o personagem também demonstra estar preocupado que a sobrinha mude de casa e perca os laços com ele após começar a trabalhar, como podemos ver em: “EDDIE: E então você vai embora / CATHERINE: Não, Eddie! / EDDIE, *sorrindo*: Por que não? Isso é vida. E você vai nos visitar aos domingos, depois uma vez por mês, depois no Natal e no Ano Novo, finalmente.” (p. 15, tradução nossa)¹². E, por fim, o personagem também alarma a sobrinha sobre as pessoas que ela encontrará ao mudar de domínio: “EDDIE, *sorrindo, mas magoado*: Eu só te peço uma coisa—não confie em ninguém. [...] eles vão mastigar ela em pedaços se ela não tomar cuidado. Para Catherine: Acredite em mim, Katie, quanto menos você confia, menos se arrepende” (p. 15, tradução nossa)¹³. É interessante notar através desses recursos verbais que as mulheres necessitam da atitude benevolente de Eddie. O poder está nas mãos do personagem que, finalmente, permite que Catherine aceite a oportunidade de emprego após muita insistência por parte das personagens femininas.

A subordinação das mulheres na década de 1950 e o desejo de integrarem o domínio público é um elemento observado no exemplo anterior. Para Eckert e McConnell-Ginet (2003) a divisão do trabalho não se limita ao físico e mental, mas também ao emocional. Na cisão entre público e privado, as mulheres, de acordo com as autoras, estão geralmente encarregadas de funções que cuidam das necessidades diárias de outras pessoas – como vestir, alimentar, limpar, cuidar, dentre outros – e mesmo avançando para o mercado de trabalho, essas ocupações de suporte são estendidas para o domínio público. Dessa forma, trabalhos tradicionais exercidos por mulheres são intrinsecamente ligados à ideia de uma mulher que cuida e dá suporte

¹¹ No original: “EDDIE: Near the Navy Yard plenty can happen in a block and a half. And a plumbin' company! That's one step over the water front. They're practically longshoremen”.

¹² No original: “EDDIE: And then you'll move away / CATHERINE: No, Eddie! / EDDIE, *grinning*: Why not? That's life. And you'll come visit on Sundays, then once a month, then Christmas and New Year's, finally”.

¹³ No original: “EDDIE, *smiling but hurt*: I only ask you one thing—don't trust nobody. [...] they'll chew her to pieces if she don't watch out. *To Catherine*: Believe me, Katie, the less you trust, the less you be sorry”.

aos outros, como em funções como professoras de crianças pequenas, enfermeiras, secretárias, dentre outras, o que nos ajuda a analisar a dinâmica protagonizada por Catherine.

Em a *View from the Bridge* observamos no mesmo episódio que retrata o movimento de Catherine para o domínio público, a delimitação de oportunidades profissionais no trabalho e a subordinação das mulheres através dos seguintes trechos:

CATHERINE: So I went in and he says to me he's got my records, y'know? And there's a company wants a girl right away. It ain't exactly a secretary, it's a stenographer first, but pretty soon you get to be secretary.

[...]

BEATRICE: Think about it a little bit, Eddie. Please. She's crazy to start work. It's not a little shop, it's a big company. Some day she could be a secretary (p. 11-13)

Na cena, Catherine e Beatrice convencem Eddie a permitir que sua sobrinha saia do domínio privado – onde ela ajudava Beatrice com os afazeres de casa – e vá para o domínio público para trabalhar como estenógrafa. Porém, a cena evidencia que a única função possível almejável pela personagem, descrita na mesma página como a melhor da turma, é trabalhar em uma função de suporte cuidando dos outros como secretária. Embora ambas as personagens enxerguem essa mudança como um meio de ascensão social, é possível identificar nessa cena a delimitação de possibilidades, fruto da divisão emocional no trabalho e a subordinação das mulheres, validada pela masculinidade hegemônica. Cabe ainda ressaltar que através do trecho identificamos não só o sexismo da época em relação ao mercado de trabalho, como também a falta de incentivo para as mulheres continuarem seus estudos, o que reforça a subserviência das mulheres aos homens que estão em cargos considerados mais influentes.

Uma das respostas para essa divisão de trabalho, de acordo com Eckert e McConnell-Ginet, é a separação entre grupos de meninos e grupos de meninas desde a infância. Essa segregação de gênero na infância durante os primeiros anos do indivíduo gera, de acordo com as autoras, que meninos e meninas sejam socializados em diferentes culturas e que desenvolvam comportamentos, normas e até mesmo entendimentos de mundo diferentes. Nesse ambiente, ideias explícitas sobre gênero entram nas escolhas, preferências e oportunidades das crianças. Dessa forma,

“crenças sobre as diferenças nas habilidades "naturais" de homens e mulheres podem ser aprendidas tão cedo e indiretamente que parecem ser senso comum” (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003, p. 25, tradução nossa)¹⁴ e elas nos ajudam a compreender a divisão de gênero no trabalho.

Porém, é na hierarquia entre as masculinidades que Eddie Carbone demonstra de forma mais evidente e compulsória o seu posicionamento sobre a masculinidade hegemônica. O princípio desse posicionamento ocorre com a chegada de Rodolpho à residência do personagem e a progressão do envolvimento romântico entre o personagem e Catherine, o que desestabiliza a harmonia vivenciada entre os três membros do núcleo familiar. Através do conflito identitário com Rodolpho, Eddie reafirma a normatividade do conceito por seguidos ataques ao personagem que culminam em um dos momentos mais controversos da peça, o qual será analisado posteriormente. É possível identificar, porém, que o embate entre os personagens não surgiu como consequência de alguma discussão e sim é algo que está presente desde o primeiro encontro entre ambos. Nas palavras de Eddie, Rodolpho "me deu arrepios no primeiro minuto em que o vi." Ele não sabe explicar o porquê desse sentimento e afirma que "não saio por aí fazendo acusações." (p. 69, tradução nossa)¹⁵.

Um dos possíveis motivos que explicam a insatisfação de Eddie com a chegada de Rodolpho em sua rotina é a forma que Eddie se sente ameaçado pelo personagem. Enquanto Rodolpho é um homem jovem com ideais modernos, Eddie já é um homem mais velho e com um pensamento mais antiquado. Para Eddie, a ideia de ser homem está ligada à força e à virilidade e, por não enxergar essas características em Rodolpho, ele não se aproxima do personagem. Porém, com o decorrer da peça, a diferença identitária entre ambos cresce e Eddie busca em diferentes situações censurá-lo. Além da diferença identitária entre ambos, a atenção de Catherine à Rodolpho também desestabiliza o personagem e o deixa cada vez mais desconcertado ao declarar “está me consumindo, Sr. Alfieri, porque lutei por aquela garota. E agora ele vem na minha casa e—” (p. 44, tradução nossa)¹⁶.

¹⁴ No original: “beliefs about differences in males’ and females’ “natural” abilities may be learned so young and so indirectly that they appear to be common sense”.

¹⁵ No original: “EDDIE: Because I know. I don’t go around makin’ accusations. He give me the heeby-jeebies the first minute I seen him”.

¹⁶ No original: EDDIE: [...] — I mean it’s eatin’ me out, Mr. Alfieri, because I struggled for that girl. And now he comes in my house and—”.

É nessa disputa baseada no padrão compelido pela masculinidade hegemônica que Eddie tenta provar que Rodolpho não condiz com o perfil vislumbrado pelo mesmo e não é o homem apropriado para Catherine. Em sua argumentação, o personagem utiliza tradições de gênero vigentes desde a infância, como abordado por Eckert e McConnell-Ginet em *Language and Gender* (2003) para depreciá-lo. De acordo com as autoras, o gênero “está sempre presente na conversa, no humor e nos conflitos, e é chamado para explicar tudo, desde estilos de direção até preferências alimentares”. Elas continuam ao afirmar que ele “está tão profundamente enraizado em nossas instituições, nossas ações, nossas crenças e nossos desejos, que nos parece ser completamente natural. (p. 9, tradução nossa)¹⁷

Através dessas tradições, de acordo com as autoras, aprendemos desde muito cedo a sermos menino ou menina, homem ou mulher e a reforçar no nosso dia a dia a diferença entre ambos nas menores interações. Nesse cenário emerge a ordem de gênero responsável pela “alocação, baseada em atributos de sexo e classe, de direitos e obrigações, liberdades e restrições, limites e possibilidades, poder e subordinação” (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003, p. 34, tradução nossa)¹⁸ como ao delimitar, em uma lista extensa, cores, roupas, habilidades, gestos, gostos, esportes, profissões, dentre outras, para indivíduos de um dado gênero. Porém, nem todos adotam esse *script* e podem ser punidos por isso, como é retratado na peça com o personagem Rodolpho.

De forma obsessiva, Eddie repete excessivamente a frase “Ele não é certo” (tradução nossa)¹⁹ para depreciá-lo em diferentes situações. Com essa repetição, o processo de normalização se torna evidente. Segundo Tomaz Tadeu da Silva em *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2004), esse processo sutil elege uma identidade específica como um parâmetro, ou seja, uma identidade natural, desejável e única, o que faz com o que está fora desse padrão seja anormal. Desta forma, é possível compreender a normatividade da masculinidade hegemônica representada por Eddie na forma pela qual ele elege sua própria identidade como um padrão a ser seguido por Rodolpho.

¹⁷ No original: “It is ever-present in conversation, humor, and conflict, and it is called upon to explain everything from driving styles to food preferences. Gender is embedded so thoroughly in our institutions, our actions, our beliefs, and our desires, that it appears to us to be completely natural”.

¹⁸ No original: “allocation, based on sex-class assignment, of rights and obligations, freedoms and constraints, limits and possibilities, power and subordination”.

¹⁹ No original: “He ain’t right”.

Em inúmeros momentos, Eddie Carbone cunha essa frase para reforçar seu julgamento apoiando-se no padrão de práticas da masculinidade hegemônica. Dessa forma, a relação hierárquica se estabelece entre esses dois polos. O primeiro episódio no qual Eddie aborda a “anormalidade” de Rodolpho está embutido de diferentes negações que reforçam a ideia de como um homem deve agir, expondo as delimitações de gênero. Dentre elas temos negações como: homem não pode pintar os cabelos²⁰, não pode ultrapassar certos tons ao cantar uma música – precisando se restringir a um certo tom e não alcançar tons altos, geralmente ligados às mulheres – e não pode praticar habilidades ou ter *hobbies* ditos femininos. Observamos essa dinâmica de gênero no seguinte trecho:

EDDIE *takes a breath and glances briefly over each shoulder*. The guy ain't right, Mr. Alfieri. [...] I mean he ain't right [...] He's a blond guy. Like ... platinum. You know what I mean?

ALFIERI: No.

EDDIE: I mean if you close the paper fast—you could blow him over.

ALFIERI: Well that doesn't mean—

EDDIE: Wait a minute, I'm tellin' you sump'm. He sings, see. Which is—I mean it's all right, but sometimes he hits a note, see. I turn around. I mean—high. You know what I mean? (p. 44)

No exemplo acima, Eddie, mais uma vez, de forma desesperada diz que "ele não é certo". Um homem que possui o cabelo platinado e performa, em sua visão, atividades de uma forma feminina não poderia ter o mesmo direito que ele de trabalhar e se casar com uma mulher. Buscando alternativas para impedir a relação afetiva entre Rodolpho e Catherine, ele pergunta ao advogado Alfieri se a lei pode fazer algo em relação a Rodolpho. Mas, o advogado nega: “não há lei que diga que um cara que não é certo pode ir trabalhar e se casar com uma garota e—?” e Alfieri afirma “Você não tem recurso na lei, Eddie” (p. 45, tradução nossa)²¹.

Em uma outra conversa com Alfieri, Eddie aborda a forma física de Rodolpho novamente ao falar sobre o posicionamento do personagem em uma disputa entre ambos:

EDDIE: I'm tellin' you I know—he ain't right. Somebody that don't want it can break it. Even a mouse, if you catch a teeny mouse and you hold it in your hand, that mouse can give you the right kind of fight. He didn't

²⁰ Ideia essa reforçada em um diálogo anterior (p. 30) no qual o personagem diz esperar que o cabelo de Rodolpho seja natural.

²¹ No original: “EDDIE: there's no law that a guy which he ain't right can go to work and marry a girl and—? / ALFIERI: You have no recourse in the law, Eddie”.

give me the right kind of fight, I know it, Mr. Alfieri, the guy ain't right (p. 65)

Nela o personagem compara Rodolpho a um rato. Percebido como um animal pequeno e frágil, o rato é considerado popularmente como sujo por sua capacidade de se abrigar em diversos lugares, como o esgoto, e pelas diferentes enfermidades transmitidas pelo mesmo. Cabe destacar também que para a Bíblia cristã o animal é considerado, junto a toupeiras e crocodilos, um animal impuro, o qual os homens devem se afastar (Levítico 11). Nesse diálogo, compreendemos que além de depreciar o físico de Rodolpho, a aversão de Eddie à Rodolpho está relacionada a como o personagem o considera impuro/errado por diferentes razões, como pela diferença identitária, situacional no país e até acerca da orientação sexual de ambos, pressuposta pelo personagem.

Para Oliveira (1998), conforme se desce – economicamente, politicamente e culturalmente – na escala social, mais traços distintivos da masculinidade em sua forma mais tosca e opressiva se tornam valorizados. Em seu estudo sobre os discursos sobre a masculinidade, o autor argumenta a necessidade de homens provenientes de segmentos marginalizados de compensarem a sua falta de poder através do machismo. Portanto, esse comportamento seria uma forma de compensar a inferioridade – tanto econômica quanto cultural – desses homens. Tal preceito pode ser observado no comportamento de Eddie ao tratar sua esposa de forma tosca, ignorando sua opinião e reforçando mais uma vez seu posicionamento sobre Rodolpho e a subjugação da mulher ao homem em:

EDDIE: Don't tell me okay, okay, I'm tellin' you the truth. A wife is supposed to believe the husband. If I tell you that guy ain't right don't tell me he is right.

BEATRICE: But how do you know?

EDDIE: Because I know (p. 69)

Ademais, o autor defende que qualquer refinamento comportamental nos homens de segmentos marginalizados que buscam seguir padrões de segmentos superiores é motivo de desqualificações e zombarias que questionam a “macheza”. Nestes segmentos "todo refinamento em matéria de linguagem ou de vestuário é imediatamente percebido não somente como um sinal de aburguesamento, mas também, inseparavelmente, como o indício de disposições efeminadas" (BOURDIEU, 1983 apud OLIVEIRA, 1998, p. 109). Nesse sentido, Oliveira defende que a

masculinidade se torna muito mais importante para aqueles que não possuem poder em outras esferas da vida social e buscam nas relações de gênero esse poder. Ser macho nessa dinâmica, segundo o autor, também é “um caminho seguro para a aquisição de status quando outras possibilidades lhes são negadas.” (OLIVEIRA, 1998, p. 110), assim como observado em Eddie Carbone.

Em *A View from the Bridge*, através das dinâmicas performadas por Eddie, identificamos a censura em relação a atitudes e gostos ditos “efeminados” de Rodolpho e a busca de poder nas relações de gênero como uma compensação para sua falta de poder na sociedade. Porém, há outro aspecto que pode ser encontrado na peça através de uma perspectiva diferente que também pode esclarecer o motivo da resistência e obsessão do personagem por Rodolpho e sua orientação sexual, o que pode apontar para desejos reprimidos por parte do personagem, como veremos posteriormente.

2.2 O RUÍDO NA CUMPLICIDADE DE MARCO E EDDIE

Diferente de seu irmão Rodolpho, com quem Eddie preferia não interagir diretamente e nutria uma constante oposição à sua identidade, Marco era visto pelo personagem como um modelo: um homem apto ao trabalho braçal, progenitor da família e que não externava nenhuma característica ou comportamento ligado tipicamente ao feminino. Para Eddie, essa é a forma correta de ser um homem – o que nos remete à masculinidade hegemônica – e gera uma cumplicidade relacionada ao porte físico, posição familiar e na performance masculina de ambos os personagens.

É possível observar o respeito de Eddie por Marco, e, ao mesmo tempo, o desmerecimento de Rodolpho em *A View from the Bridge* no seguinte trecho: “Marco anda por aí como um homem; ninguém brinca com o Marco” (p. 31, tradução nossa)²². Apropriando-me de palavras de Pedro Paulo de Oliveira em *Discursos Sobre a Masculinidade* (1998, p. 103), esses e outros estereótipos ligados à masculinidade como agressividade, autoconfiança, liderança, força, arrogância, assertividade, poder de decisão, capacidade de domínio, rusticidade, dentre outros, forjam a imagem do

²² No original: “Marco goes around like a man; nobody kids Marco”.

que é masculino. Esses termos podem ser atribuídos ao olhar reproduzido pela masculinidade hegemônica na peça sob análise.

Porém, o mútuo respeito e identificação entre Eddie e Marco sofre um primeiro ruído na finalização do primeiro ato da peça. Exausto com o impacto da chegada de Rodolpho, o personagem Eddie Carbone propõe ensinar ao jovem movimentos de boxe – esporte esse praticado por Eddie em sua juventude. Porém, a finalidade do personagem com esse ato era punir e demonstrar quem tinha mais poder e era o mais másculo entre ambos. Em *Masculinities* (2005), a socióloga australiana Raewyn Connell discorre sobre o papel do esporte como principal definidor da masculinidade na cultura de massa, o que permite fazer um paralelo com a cena. De acordo com Connell (2005, p. 54, tradução nossa)²³, “a organização institucional do esporte embute relações sociais definidas: competição e hierarquia entre os homens, exclusão ou dominação das mulheres”. Nesse contexto, há nas competições uma combinação entre força superior e habilidade superior que leva um dos lados do embate à vitória, como veremos na disputa entre os personagens.

Foucault, em sua vasta reflexão sobre o poder, entende essa concepção como uma relação na qual uma força prevalece sobre a outra. Para o autor, força e poder são diretamente correspondentes e integram as relações de poder. Segundo Santos (2016, p. 270) em sua análise sobre o poder de Foucault, “toda relação social é atravessada por relações de poder”. Em *A View from the Bridge*, além da presença dessa relação entre Eddie, Beatrice e Catherine no domínio privado, temos sua extensão para Marco e Rodolpho após a mudança dos irmãos para a residência da família. É através de uma disputa de força e poder entre Eddie, Rodolpho e Marco que os personagens buscam que sua superioridade prevaleça sobre a força do outro.

Essa tentativa de testar a masculinidade do outro ao transpor a superioridade de força, poder e a hierarquia através de uma performance, tratada inicialmente como uma brincadeira pelo personagem Eddie, tem o seu primeiro embate ainda no primeiro ato da peça. A tentativa de testar a masculinidade desperta em Marco um instinto protetor após presenciar seu irmão sendo atingido com um forte soco. Com tal atitude, uma nova disputa de poder se inicia. É possível observar a força do golpe provido por Eddie em Rodolpho – simbolizando uma vitória pelo personagem – e, posteriormente, a reação de Marco à essa situação em: “*Ele finge com a mão esquerda e cai com a*

²³ No original: “The institutional organization of sport embeds definite social relations: competition and hierarchy among men, exclusion or domination of women”.

direita. Isso cambaleia levemente Rodolpho. Marco levanta.” (p. 55, tradução nossa)²⁴. No entanto, a reação de Marco a esse ato não se resume apenas a um levantar. O personagem propõe em seguida uma nova performance de força entre ele e Eddie, o que gera o primeiro momento de tensão entre ambos.

Essa performance proposta por Marco parece, assim como a performance anterior de Eddie, um jogo. Nela, o personagem propõe uma competição de quem consegue levantar uma cadeira com as mãos. Aqui, observamos o início de uma nova disputa de poder:

Marco takes a chair, places it in front of Eddie, and looks down at it.
Beatrice and Eddie watch him.
MARCO: Can you lift this chair?
EDDIE: What do you mean?
MARCO: From here. *He gets on one knee with one hand behind his back, and grasps the bottom of one of the chair legs but does not raise it* (p. 56)

No trecho, o ato de levantar o objeto é uma tentativa de Marco provar sua superioridade masculina a Eddie através da força física, o que nos remete a uma concepção desenvolvida por Raewyn Connell. Em *Masculinities* (2005), a autora contrapõe a noção de “verdadeira masculinidade” e elabora dois tipos de masculinidade ligadas a classe trabalhadora e a classe média alta. De acordo com a autora, há uma associação entre força física com a classe trabalhadora, enquanto a classe média alta está associada mais fortemente com um poder técnico (científico e político). Na realidade compartilhada por ambos os personagens, a força física está estreitamente ligada à imagem do “homem de verdade”. Tanto o embate entre Eddie/Rodolpho quanto Marco/Eddie estão baseados no poder físico dos personagens masculinos, demonstrando a importância dessa imagem para aqueles que desafiam a masculinidade do outro.

Contudo, nesse segundo embate, há uma mudança na hierarquia performada inicialmente pelo personagem Eddie Carbone. Marco demonstra mais habilidade e força enquanto Eddie falha, como podemos observar em: “*Ele vem até a cadeira, se ajoelha, agarra a perna, levanta a cadeira uma polegada, mas ela se inclina para o chão. Puxa, isso é difícil, eu nunca soube disso. Ele tenta de novo e falha de novo.*”

²⁴ No original: “*He feints with his left hand and lands with his right. It mildly staggers Rodolpho. Marco rises*”.

(p. 56, tradução nossa)²⁵. Nesse cenário, Marco “vence” a disputa de masculinidade ao levantar a cadeira sobre sua cabeça – como uma arma – e afronta o poder de Eddie em sua própria casa, criando uma forte tensão entre ambos:

*Marco raises the chair over his head.
Marco is face to face with Eddie, a strained tension gripping his eyes and jaw, his neck stiff, the chair raised like a weapon over Eddie's head—and he transforms what might appear like a glare of warning into a smile of triumph, and Eddie's grin vanishes as he absorbs his look (p. 56)*

Apesar de Eddie e Marco compartilharem de similaridades identitárias acerca da masculinidade, o enfrentamento travado nesse momento da narrativa configura o ruído na relação entre ambos e reverberará em dinâmicas futuras e na própria finalização de *A View from the Bridge*.

2.3 OS QUESTIONAMENTOS ACERCA DA IDENTIDADE DE RODOLPHO

Rodolpho é retratado como um jovem de cabelos loiros platinados que não se encaixa no molde pressuposto de gênero vigente tanto na sociedade americana quanto italiana. O personagem é fruto de uma sociedade italiana fascista baseada, de acordo com Barbara Pozzo em *Masculinity Italian Style* (2013), na tradição e na representação normativa da masculinidade e feminilidade. Nela, “o culto ao homem viril atendia aos instintos consolidados de uma sociedade [...] profundamente sexista e fortemente patriarcal” (POZZO, 2013, p. 600 apud GORI, 1999, p. 47, tradução nossa)²⁶. Porém, Rodolpho ia na contramão desse padrão.

Ao invés de reproduzir estereótipos masculinos como praticar esportes, ser rústico, corpulento, dentre outros, o personagem ao entrar ilegalmente em um novo país demonstra sensibilidade e pratica atividades como dançar, cozinhar, bordar, e, principalmente, cantar. No canto, ele atinge notas altas que resultam em uma comparação com o tom de voz “de tenor e agudo” (p.27, tradução nossa)²⁷. No entanto, o ato de ser ele mesmo gera uma série de chacotas feitas por outros personagens da peça com base em pressupostos de gênero de como um homem

²⁵ No original: “*He comes to the chair, kneels, grasps the leg, raises the chair one inch, but it leans over to the floor. Gee, that's hard, I never knew that. He tries again, and again fails*”.

²⁶ No original: ““cult of the virile male answered the consolidated instincts of an Italian society that was deeply sexist and strongly patriarchal”.

²⁷ No original: “a high tenor voice”.

deve agir e quais habilidades ele deve praticar, como acontece fora dos palcos em uma sociedade fortemente sexista.

Em uma ocasião, é possível identificar através da música *Paper Doll*²⁸ uma das investidas em relação a identidade do personagem. A canção se torna o apelido de Rodolpho após o personagem cantá-la repetidamente ao trabalhar no porto e é utilizada por parte da comunidade para depreciá-lo. Um sentido atribuído ao título da música na peça está relacionado a maneira pela qual outros personagens o acham frágil ou afeminado, características provenientes do material e da imposição de gênero do brinquedo ao feminino. No trecho seguinte observamos Eddie ao expor para Alfieri sua visão – e da comunidade – acerca de Rodolpho: “EDDIE: Sr. Alfieri, eles estão rindo dele no cais. Estou envergonhado. Boneca de papel, eles o chamam. Loirinho agora. Seu irmão acha que é porque ele tem senso de humor, veja, o que ele tem, mas não é disso que eles estão rindo.” (p. 44, tradução nossa)²⁹.

Durante toda a peça, diferentes personagens masculinos tentam enquadrá-lo em padrões de gênero vigentes, ato esse posto em prática em maior parte por Eddie, e em menor parte pela comunidade compartilhada pelos personagens, representada por Louis e Mike. Nessa dinâmica, Rodolpho se torna o estopim para as mudanças de comportamento de Eddie e, conseqüentemente, para a movimentação da peça. É possível observar essas chacotas quando personagens secundários comparam Rodolpho e Marco – expondo a demanda de posicionamento da masculinidade hegemônica – em:

MIKE: That older one, boy, he's a regular bull. I seen him the other day liftin' coffee bags over the Matson Line. They leave him alone he woulda load the whole ship by himself.

EDDIE: Yeah, he's a strong guy, that guy. Their father was a regular giant, supposed to be.

LOUIS: Yeah, you could see. He's a regular slave (p.33)

No trecho, os personagens masculinos delimitam a forma correta de ser homem segundo a masculinidade hegemônica. Para eles, ser homem está ligado à brutalidade e a força física, como observamos pela comparação de Marco com um

²⁸ Paper Doll, em português boneca de papel, é uma canção de jazz do quarteto vocal The Mills Brothers escrita por Johnny S. Black e lançada em 1943. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Mills_Brothers>. Acesso em: 19 out. 2021.

²⁹ No original: “EDDIE: Mr. Alfieri, they're laughin' at him on the piers. I'm ashamed. Paper Doll they call him. Blondie now. His brother thinks it's because he's got a sense of humor, see—which he's got—but that ain't what they're laughin'”.

touro ou escravo. Porém, em seguida essa delimitação para inferiorizar Rodolpho por não compartilhar as mesmas características de Marco é exposta no diálogo a seguir:

MIKE, grinning: That blond one, though—*Eddie looks at him*. He's got a sense of humor. *Louis snickers*.

EDDIE, *searchingly*: Yeah. He's funny—

MIKE, *starting to laugh*: Well he ain't exactly funny, but he's always like makin' remarks like, y'know? He comes around, everybody's laughin'. *Louis laughs*.

EDDIE, *uncomfortably, grinning*: Yeah, well ... he's got a sense of humor.

MIKE, *laughing*: Yeah, I mean, he's always makin' like remarks, like, y'know? (p. 33)

O olhar dos personagens acerca de Rodolpho e Marco revela uma dinâmica apontada por Eckert e McConnell-Ginet em *Language and Gender* (2003, p. 21). De acordo com as autoras, comportamentos entendidos como femininos aparecem marcados na sociedade enquanto atividades e comportamentos ligados ao masculino surgem como “não marcados” ou “normais”. Nesse sentido, através do diálogo acima, Marco é considerado um homem comum pela comunidade enquanto Rodolpho é tratado como diferente, o que gera comentários sarcásticos e depreciativos acerca de sua identidade. Essa marcação, além de limitar as diferentes possibilidades de atividades de ambos os gêneros, gera, de acordo com elas, uma desvalorização da mulher e do feminino e o desencorajamento de meninos de terem interesses ou de participarem de atividades associadas às meninas.

É possível também, através do diálogo, traçar padrões de comportamento relacionados a gênero vigentes desde a infância até a maioridade, na qual atividades e comportamentos ligados a mulheres são tratados como apropriados apenas para esse público e não para o público masculino. Em um estudo apresentado em *Language and Gender* (2003, p. 21), Langlois e Downs em *Mothers, fathers, and peers as socialization agents of sex-typed play behaviors in young children* (1980) analisaram o comportamento de crianças entre três e cinco anos de idade³⁰. As autoras concluíram que enquanto meninas tendiam a ser neutras sobre as escolhas de outras meninas, os meninos respondiam positivamente apenas aos meninos com estilos de brincadeira masculinos e eram especialmente propensos a punir seus pares

³⁰ A análise foi elaborada para testar a presença ou ausência de tratamento diferencial de comportamentos tipificados pelo sexo por mães, pais e colegas do mesmo sexo e totalizou 48 participantes meninos e 48 participantes meninas brancas de classe média e seus respectivos pais.

masculinos por escolhas femininas. Esse estudo contribui para ratificar a postura exercida pela maioria dos personagens masculinos da peça ao desvalorizarem e fazerem chacota daquele que é tido como diferente.

Um outro exemplo na peça que denota a desvalorização de atividades ditas femininas é a maneira pela qual Eddie reproduz oposições tradicionais provenientes da divisão de trabalho por gênero em sua fala quando diz:

EDDIE, *to Beatrice*: He's lucky, believe me. *Slight pause. He looks away, then back to Beatrice.* That's why the water front is no place for him. *They stop dancing. Rodolpho turns off phonograph.* I mean like me—I can't cook, I can't sing, I can't make dresses, so I'm on the water front. But if I could cook, if I could sing, if I could make dresses, I wouldn't be on the water front. [...] I would be someplace else. I would be like in a dress store (p. 53)

O trecho acima demonstra a equivocada posição adotada pelo personagem. De acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2003), sociedades mundo afora elaboram alocações de atividades e responsabilidades baseadas apenas no gênero. Dessa forma, certas ocupações e atividades são tratadas como sendo do gênero feminino ou do masculino baseado em diferentes estereótipos. Dentre as alocações de atividades e responsabilidades apontadas pelas teóricas estão: alocações no trabalho: mulheres vendem qualquer item de roupa masculina enquanto homens raramente vendem itens como vestidos ou lingerie; alocações relacionadas ao material: homens constroem coisas através de madeira e metal enquanto mulheres através de fibra; alocações no esporte: homens praticam esportes de contato físico enquanto mulheres esportes individuais que não envolvam o mesmo contato; e, por fim, alocações em casa: mulheres preparam a refeição, cuidam da casa, dos filhos e do marido enquanto homens cuidam do jardim, do carro e de possíveis reparos na residência.

No trecho acima, Eddie afirma que Rodolpho não se encaixa no porto cumprindo atividades, na visão do personagem, designadas para o gênero masculino. Porém, mesmo sofrendo diferentes sanções durante a peça, Rodolpho não desiste de praticar as atividades vistas por outros personagens como destinadas às mulheres. Essas sanções, de acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2003, p. 22), são aplicadas diferentemente para meninos e meninas. Enquanto algumas sociedades tratam subversões de gênero feitas por meninas como “não ideais” – e até mesmo sociedades como a ocidental compartilham respeito e admiração por essas subversões, como a criação da categorização “tomboy” –, meninos que adotam

comportamentos tipicamente ligados a meninas são severamente rechaçados. Uma das respostas à subversão masculina é a homofobia. Além de vocabulários pejorativos como “sissy” e “fag”, em países de língua inglesa, e “viado” e “bicha”, na realidade brasileira, – palavras essas repetidas diariamente como forma de atacar meninos de diferentes idades levando em consideração estereótipos de masculinidade – agressões físicas são feitas indiferentemente à orientação sexual da vítima.

Essa decisão acerca da sua individualidade, porém, não só colabora para conversas paralelas de outros personagens acerca de suas habilidades, mas também colaboram para uma suposição que paira no ar e não é dita diretamente durante toda a peça: sua possível homossexualidade. No texto literário, Rodolpho não segue os estereótipos ligados à masculinidade e, por isso, sua orientação sexual é posta em dúvida por diferentes personagens. De acordo com Connell (2005, p. 143), a cultura patriarcal interpreta o homem gay como a falta de masculinidade. Uma possível resposta para o porquê dessas suposições sobre o personagem Rodolpho e a recorrente agressão verbal e física para aqueles que subvertem expectativas ligadas ao papel do homem na sociedade é a hierarquia entre as masculinidades presente nos estudos da autora.

A masculinidade subordinada para Connell (2005), como mencionado previamente, está na parte inferior da hierarquia de gênero entre os homens. A ideia da dinâmica hierárquica, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013, p. 244), cresceu diretamente da violência sofrida por homens homossexuais através do preconceito dos homens heterossexuais. E, embora a orientação sexual de Rodolpho não seja amplamente explorada durante a peça, ele é expulso do círculo de legitimidade da masculinidade hegemônica por praticar habilidades e comportamentos considerados femininos. Dessa forma, mesmo não sendo desenvolvido como um personagem explicitamente homossexual – e me apropriando da afirmação de Connell (2005, p. 79) na qual meninos e homens heterossexuais podem ser suprimidos da masculinidade hegemônica – Rodolpho integra a masculinidade subordinada por se distanciar do padrão compelido pela masculinidade hegemônica.

Em *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2004), Silva, Hall e Woodward discorrem, através de três ensaios com perspectivas similares, acerca de uma questão que está atualmente no centro da teoria social e da prática política: a identidade e a diferença. Para Silva, a identidade se refere a aquilo que se

é, por exemplo, “sou brasileira”, “sou mulher”, “sou heterossexual”, “sou branca”, dentre outros. No mesmo sentido, a diferença se refere a aquilo que o outro é, como “ele é italiano”, “ele é homem”, “ele é homossexual”, “ele é negro”. Afirmações desse cunho, de acordo com o autor, geram uma lista extensa de “negações”, como ao afirmar que o indivíduo é brasileiro, nega-se que ele é argentino, dentre outras intermináveis cadeias. Sendo assim, para os autores, a identidade é uma criação social e cultural – e não natural – marcada pela diferença que, embora pareçam entidades independentes, demonstram ser estreitamente dependentes.

De acordo com os autores, a identidade e a diferença não são inocentes. Para Silva (2004, n.p.), “a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força e relações de poder”. Nesse sentido, de acordo com o autor, há uma disputa hierárquica que traduz desejos de diferentes grupos para garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. Dentre processos que demarcam a presença do poder na identidade e na diferença estão o ato de incluir/excluir um indivíduo – o pertencimento ou não dele –, a demarcação de fronteiras – distinção entre “nós” e “eles” – e a normalização – “nós somos normais; eles são anormais”. Em *A View from the Bridge* esse poder é observado no posicionamento de Eddie sobre Rodolpho, o qual busca excluir e normalizar o personagem.

Através dessas diferenciações hierárquicas, Silva discorre e problematiza as oposições binárias – como nas duas classes polarizadas nós/eles utilizando o filósofo francês Jacques Derrida. Para o filósofo, os binarismos denotam um valor positivo para um termo e negativo para o outro, como em: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Na peça de Arthur Miller, essas delimitações são perceptíveis através da polaridade entre Rodolpho e Eddie. Embora os personagens compartilhem similaridades identitárias relacionadas ao país de origem e ao gênero – ambos italianos e homens –, há uma rixa identitária entre eles. Na visão de Eddie, ele é o detentor do valor positivo e, conseqüentemente, Rodolpho valor negativo. Dentre as oposições binárias utilizadas equivocadamente por Eddie, observamos nós/eles, masculino/feminino e heterossexual/homossexual ao personagem questionar as habilidades, gostos e a orientação sexual de Rodolpho.

Eddie, expondo seu posicionamento acerca do gênero e a normatividade da masculinidade hegemônica, elenca sua própria identidade como superior à de Rodolpho através do processo de normalização. Para Silva (2004, n.p.), “a força da

identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade”. Na peça, o personagem acredita que as identidades são um molde único e fixo e designa a sua como o padrão que deve ser seguido por todos os homens, ignorando a pluralidade do grupo, observado, por exemplo, na repetida fala “Ele não é certo” ao se referir a Rodolpho. Por essa compressão, Eddie subjuga o personagem – visto por ele como “o outro” por não compartilharem semelhanças identitárias – e exalta sua própria normalidade.

Cabe ressaltar ainda que Eddie Carbone, ao elencar sua identidade como a “normal”, enxerga a identidade de Rodolpho como imutável, estática. Essa perspectiva essencialista – se ele age dessa forma ou gosta de determinada coisa, ele é isso ou aquilo – é observada na constante argumentação de Eddie. Porém, essa ideia fixa acerca das identidades entra em oposição ao defendido nos estudos culturais. De acordo com Stuart Hall, as identidades são “unidades” cada vez mais fragmentadas e fraturadas nas sociedades contemporâneas. Para o autor, as identidades não são nunca, singulares, mas sim multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições. Nesse sentido, as identidades estão em um constante processo de mudança e transformação e não se referem, de acordo com Hall, apenas àquilo que nós somos, mas ao que nos tornamos.

Através do entendimento das hierarquias e das diferentes forças envolvidas nesses processos, tanto nos estudos da masculinidade com a masculinidade hegemônica quanto nos estudos culturais acerca da identidade e nos estudos de gênero com determinações dicotômicas, podemos compreender a motivação da marginalização e contestação da identidade de Rodolpho em *A View from the Bridge*.

2.4 OS DESEJOS DE EDDIE CARBONE

Criada como se fosse sua filha, Catherine enxerga em Eddie Carbone uma figura paterna e não repara malícia no relacionamento de ambos. A personagem busca aprovação de Eddie, como um pai, tanto em seu deslocamento para o domínio público quanto para sua vida amorosa. A relação de cumplicidade entre eles é observada na fala de Catherine quando ela afirma saber quando ele está triste, com fome ou até mesmo quando deseja beber uma cerveja (p. 61).

Para Catherine, Eddie é como seu pai, entretanto, ele parece não entender seus sentimentos em relação a ela e vive em uma situação de conflito ao

possivelmente reprimir seu desejo pela personagem. Tal conceito, de acordo com a professora Juliana Ortogosa Aggio (2015) em seu estudo sobre Aristóteles, consiste em um movimento ou atividade da faculdade desiderativa – e não racional – que move o corpo do animal em direção ao objeto desejado. Na peça, Eddie se comporta como um pai protetor, porém, nas entrelinhas, observamos um desejo irracional e reprimido em relação a Catherine e a Rodolpho, culminando com a fatídica finalização da peça de Arthur Miller.

Beatrice julga a relação de ambos de forma diferente e desconfia dos sentimentos de seu marido por Catherine ao dizer: “Eu não entendo o que está acontecendo aqui” (p. 39, tradução nossa)³¹. Durante toda a peça, a personagem encoraja sua sobrinha a ser independente e a se distanciar da imagem infantil criada por Eddie. Para ele, “ela é um bebê, como ela vai saber do que ela gosta?” (p. 69, tradução nossa)³². Porém, diferentemente de seu marido, Beatrice defende o contrário: “olha, você tem que se acostumar com isso, ela não é mais bebê” (p. 69, tradução nossa)³³.

A personagem também aponta a forma que Catherine age com Eddie e faz um alerta sobre seu comportamento: “[...] você se joga nele como quando tinha 12 anos” (p. 40, tradução nossa)³⁴. Além disso, Beatrice reclama sobre o uso de roupas íntimas de Catherine na frente de Eddie, pois pressente que algo está fora do controle. Ela, com sua maturidade, exige que sua sobrinha se comporte como uma mulher, pois “ela é uma mulher adulta e ela está em uma mesma casa com um homem adulto” (p. 41, tradução nossa)³⁵.

Nessa dinâmica de incertezas, o desejo irracional de Eddie por Catherine é observado por Alfieri quando o personagem o procura desesperado para solucionar seu conflito interno. Eddie não consegue entender as palavras do advogado que afirma:

We all love somebody, the wife, the kids — every man's got somebody that he loves, heh? But sometimes ... there's too much. You know? There's too much, and it goes where it mustn't. A man works hard, he brings up a child, sometimes it's a niece, sometimes even a daughter, and he never realizes it, but through the years — there is too much

³¹ No original “I don't understand what's going on here”.

³² No original: “she's a baby, how is she gonna know what she likes?”.

³³ No original: “Look, you gotta get used to it, she's no baby no more”

³⁴ No original: “you throw yourself at him like when you was twelve years old”.

³⁵ No original: “you're a grown woman and you're in the same house with a grown man”.

love for the daughter, there is too much love for the niece. Do you understand what I'm saying to you? (p. 45)

Embora, o advogado não mencione a palavra incesto, ele observa o problemático interesse de Eddie por sua sobrinha. No estudo proposto por Pontes (2004), a autora resgata os pressupostos teóricos apontados por Lévi-Strauss e Freud ao analisar os diferentes olhares dos autores acerca dessa prática. Para ambos, a proibição do incesto é um fenômeno sociocultural universal que “gera nas mais diversas culturas, comportamentos, leis, instituições, regras, moral e uma ética de conformidade com a formação social de cada povo” (PONTES, 2004, p. 13), as quais reiteram a aversão universal à prática. No texto literário, Eddie é uma figura fortemente preocupada com as aparências e como a sociedade ítalo-americana o enxerga e não aceita admitir para si e para os outros que possui um desejo incestuoso pela sobrinha. Ele possui medo de perder o respeito dos personagens que o rodeiam caso seu desejo torne-se do conhecimento de todos pois compreende o incesto como um ato moralmente condenável. Beatrice também percebe essa problemática e ratifica essa ideia ao afirmar “Eddie, e você nunca poderá tê-la!” (p. 83, tradução nossa)³⁶.

O desejo incestuoso do personagem também é representado simbolicamente na recorrente música Paper Doll, citada anteriormente. Ao ouvi-la, o personagem se levanta e impede Rodolpho de continuar cantando, demonstrando que o sentido da música o incomoda, como observado em “Olha, garoto; você não quer ser pego, quer? [...] EDDIE, *indicando o resto do prédio*: Porque nunca tivemos cantores aqui” (p. 28, tradução nossa)³⁷. A letra de Paper Doll³⁸ aborda um eu lírico que deseja alguém que não lhe pertence, assim como Eddie nutre o mesmo sentimento por Catherine. A representação do desejo de Eddie – e o domínio dele sobre Catherine – é observada no verso “é duro amar uma boneca que não lhe pertence” (tradução nossa)³⁹. Posteriormente, ele também expressa o desejo de comprar uma boneca para si, “Uma boneca que ninguém irá roubar” (tradução nossa)⁴⁰ e que estará sempre esperando por ele, “Quando eu chegar em casa à noite ela estará esperando” (tradução nossa)⁴¹.

³⁶ No original: “Eddie, and you can never have her!”

³⁷ No original: “Look, kid; you don't want to be picked up, do ya? [...] Eddie, *indicating the rest of the building*: Because we never had no singers here”.

³⁸ Letra disponível em: <<https://genius.com/The-mills-brothers-paper-doll-lyrics>>. Acesso em: 11/10/2021

³⁹ No original: “And it's tough to love a doll that's not your own”.

⁴⁰ No original: “A doll that other fellows cannot steal”.

⁴¹ No original: “When I come home at night she will be waiting”.

Em decorrência do sentimento de posse sobre Catherine e da confusão mental do personagem, Eddie cria diferentes artifícios para controlá-la, disfarçando seus desejos reprimidos. Dentre eles, afirma, para separar o casal de jovens, que Rodolpho só está interessado na cidadania que receberá ao se casar com Catherine, o que deixa a jovem perturbada: “Ele se casa com você, ele tem o direito de ser um cidadão americano. Isso é o que está acontecendo aqui. *Ela fica confusa e surpresa. [...] o cara tá procurando uma folga, é só isso que ele quer*” (p. 37, tradução nossa)⁴².

Por que Catherine não poderia aceitar sua oferta de emprego? Por que ele insiste em enxergá-la como uma criança? Por que Rodolpho não seria um homem ideal para ela? Por que Eddie utiliza incessantemente uma suposição acerca da orientação sexual de Rodolpho para criticá-lo? Por que ele tem tanta certeza que Rodolpho não é certo ao afirmar “Ele não é certo”? As diferentes tentativas criadas por Eddie para justificar seu comportamento não são compreendidas por outros personagens, como observado em um diálogo com Alfieri: “EDDIE: Quer dizer, ele não é certo. / ALFIERI: Eu não te entendo” (p. 43, tradução nossa)⁴³.

A expressão de seus desejos não pode ser escondida por muito tempo. Ao fazer uso de álcool, Eddie chega bêbado em casa e revela aquilo que o perturbava. Para a crença popular, o álcool é considerado popularmente responsável por revelar o verdadeiro “eu” dos indivíduos. Ao chegar nesse estado, o personagem encontra Catherine e Rodolpho sozinhos no apartamento, após terem uma relação sexual. Eles discutem e ela, indo contra o tratamento de Eddie, afirma que não é mais uma criança. Em um impulso, ele beija sua sobrinha, relevando o que negara até o momento: “*Ele estende a mão de repente, puxa-a para si e, enquanto ela se esforça para se libertar, ele a beija na boca*” (p. 63, tradução nossa)⁴⁴.

Em seguida à violência contra sua sobrinha, Eddie também força um beijo em Rodolpho⁴⁵ em:

RODOLPHO: Yes! She'll be my wife. That is what I want. My wife!
EDDIE: But what're you gonna be?

⁴² No original: “He marries you he's got the right to be an American citizen. That's what's goin' on here. She is puzzled and surprised. [...] The guy is lookin' for his break, that's all he's lookin' for”.

⁴³ No original: “EDDIE: I mean he ain't right. ALFIERI: I don't get you”.

⁴⁴ No original: “*He reaches out suddenly, draws her to him, and as she strives to free herself he kisses her on the mouth*”.

⁴⁵ Esse ato gerou a obrigatoriedade de a peça ser performada de forma privada na Grã-Bretanha em decorrência da oposição do beijo entre Eddie e Rodolpho pelo o Lord Chamberlain, o cargo mais graduado da Casa Real do Reino Unido.

RODOLPHO: I show you what I be!
CATHERINE: Wait outside; don't argue with him!
EDDIE: Come on, show me! What're you gonna be? Show me!
Rodolpho, *with tears of rage*: Don't say that to me!
Rodolpho flies at him in attack. Eddie pins his arms, laughing, and suddenly kisses him (p. 63)

O choque causado nos personagens também se estende aos leitores da peça. Uma possível leitura para esse trecho é a tentativa de Eddie de mostrar sua dominância sobre Catherine para Rodolpho. Dessa forma, Eddie só beija Rodolpho para impedir que ambos fiquem juntos, dessa forma, reafirmando o poder sobre a sobrinha. Posteriormente, o personagem afirma que esse ato controverso foi uma tentativa de provar que Rodolpho não é o homem para Catherine em “Para mostrar a ela o que ele é! Então, ela veria, de uma vez por todas!” (p. 65, tradução nossa)⁴⁶.

A violência perpetuada contra Catherine e Rodolpho, porém, pode ser compreendida de uma maneira diferente. Nessa leitura, Eddie também nutriria um desejo por Rodolpho. Esse fato pode ser um dos motivos pela fixação e crítica do personagem em relação à orientação sexual de Rodolpho. Em *Masculinities* (2005, p. 40), Connell menciona o trabalho de Mario Mieli, influenciado por Freud, em *Homosexuality and Liberation* (1980) para abordar o fascínio de parte de homens heterossexuais à homossexualidade. Para o autor, a homofobia é a expressão de um desejo secreto expulso da consciência e convertido em ódio, o que pode se aplicar ao personagem Eddie Carbone e sua obsessão por combater a identidade de Rodolpho.

Assim sendo, o leitor percebe um sentimento de repulsa pelo outro, mas também de atração, como pode ser visto pelas palavras proferidas por Eddie em um momento anterior: "ele parecia tão doce lá, como um anjo — você poderia beijá-lo, ele era tão doce" (p. 44, tradução nossa)⁴⁷. Será que Eddie não tenta compará-lo a um anjo, ser bíblico conhecido por sua pureza, juventude e beleza, pois ele enxerga em Rodolpho aquilo que o fascina, mas que socialmente precisa ser censurado? Nesse diálogo, observamos que, contrariamente ao posicionamento do personagem desde o início da peça, Eddie enxerga em Rodolpho características positivas. Essa frase também poderia representar uma projeção – conhecida como *foreshadowing*⁴⁸ – na

⁴⁶ No original: “To show her what he is! So she would see, once and for all!”

⁴⁷ No original: “he looked so sweet there, like an angel—you could kiss him he was so sweet”.

⁴⁸ Foreshadowing é um artifício literário no qual o escritor dá uma indicação antecipada do que está por vir mais tarde na história”. Disponível em: <<https://en.m.wikipedia.org/wiki/Foreshadowing>>. Acesso em: 20 out. 2021.

qual Arthur Miller deixa uma pista do que aconteceria no desenrolar da peça, o que, como vimos, se concretizou com o beijo de Eddie em Rodolpho.

Eddie Carbone, defensor árduo do padrão compelido pela masculinidade hegemônica, tenta anular seus desejos por Rodolpho como uma forma de manter sua posição na hierarquia entre as masculinidades. De acordo com o escritor Guy Hocquenghem, abordado em Connell (2005), o desejo homossexual é um fato corporal que perturba a masculinidade hegemônica. Na peça, Eddie demonstra não apenas uma confusão entre suas convicções de gênero, como também a tentativa de se esconder e, sistematicamente, atacar a identidade de Rodolpho para disfarçar seus desejos, o que o configura como um personagem controverso.

Um segundo trecho que ratifica essa visão acerca de seu desejo é o diálogo em que o leitor conhece o fato de que Eddie não possui mais relações sexuais com sua esposa. A perda de desejo por sua esposa parece ter se iniciado com o despertar de seu interesse por Catherine e a chegada de Rodolpho na residência de sua família. Esse distanciamento pode indicar que a confusão acerca da orientação sexual do personagem, aliado à confusão com seus desejos sobre sua sobrinha, tenham o impedido de procurar a esposa, como observado em:

BEATRICE: When am I gonna be a wife again, Eddie?
EDDIE: I ain't been feelin' good. They bother me since they came.
BEATRICE: It's almost three months you don't feel good; they're only here a couple of weeks. It's three months, Eddie.
EDDIE: I don't know, B. I don't want to talk about it.
BEATRICE: What's the matter, Eddie, you don't like me, heh?
EDDIE: What do you mean, I don't like you? I said I don't feel good, that's all (p. 31)

Em *Language and Gender* (2003), Eckert e McConnell-Ginet discorrem sobre como o desejo é ensinado e extremamente ligado ao gênero. De acordo com as autoras, desde muito pequenas as crianças são ensinadas – antes mesmo do início real do desejo – a desejar um parceiro perfeitamente compatível do outro sexo e a se construir em um molde desejado por ele. Nesse processo, a ordem de gênero e a imagem de um casal perfeito – ambos heterossexuais – são mantidas, papéis distintos de gênero são compartilhados e a concepção de que meninos e meninas são complementares emerge. Através dele, compreendemos não só os conflitos de Eddie acerca de seu desejo por Rodolpho, como também em relação às suas próprias expectativas de gênero.

A oposição entre Eddie e seus desejos levam o personagem a se afastar de sua família e da comunidade ao cometer sucessivas escolhas controversas. Além da violência física perpetuada contra Catherine, Eddie tenta pela última vez separar o casal ao denunciar seus sobrinhos para o serviço de imigração, quebrando assim o código de honra de sua comunidade. Essa traição chega aos ouvidos de toda a comunidade por Marco em: “Aquele! Ele matou meus filhos! Aquele roubou a comida dos meus filhos! / *Marco se foi. A multidão se voltou para Eddie*” (p. 77, tradução nossa)⁴⁹.

Esse ato desencadeia o último conflito entre Eddie e Marco e resulta em uma luta corporal no qual os personagens buscam honra, respeito e justiça diante de toda a comunidade. Porém, diferente de Marco, Eddie leva uma faca para o duelo. A tentativa de buscar justiça pelas próprias mãos e limpar seu nome chega ao fim de forma trágica com Marco revertendo um golpe de faca de Eddie e matando o personagem com sua própria arma, como observamos em: “*Eddie avança com a faca. Marco agarra seu braço, virando a lâmina para dentro e pressionando-a no lugar [...] Eddie, a faca ainda em sua mão, cai de joelhos diante de Marco*” (p. 85, tradução nossa)⁵⁰. Observamos nessa dinâmica performada para a comunidade a tentativa dos personagens de sobrepor suas masculinidades. Ambos buscam demonstrar para ela através da violência qual é o mais forte, viril e honrado.

De acordo com Michael Kaufman (KAUFMAN, 1994, apud OLIVEIRA, 1998, p. 97), a construção do ego masculino “faz-se sobre uma estrutura de violência internalizada, ou seja, o homem não apenas transforma a mulher em objeto de sua violência, mas é vítima de si próprio”. A partir da cena anterior, compreendemos que Eddie Carbone, em seu desatino, é o responsável por seu próprio desastre, assim como os personagens principais das tragédias gregas. A confusão emocional de Eddie em relação a seus desejos resulta não apenas na perda sucessiva de respeito do personagem por sua família e comunidade. Ele perde sua própria sanidade em suas controvérsias ao forçar os beijos em Catherine e Rodolpho, trair sua família e comunidade, e, posteriormente, tentar atingir Marco com uma faca. Essas perdas

⁴⁹ No original: “That one! He killed my children! That one stole the food from my children! / *Marco is gone. The crowd has turned to Eddie*”.

⁵⁰ No original: “*Eddie lunges with the knife. Marco grabs his arm, turning the blade inward and pressing it home [...] Eddie, the knife still in his hand, falls to his knees before Marco*”

irreparáveis nos ajudam a refletir sobre os limites e as consequências do desejo humano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A View from the Bridge é uma peça que, mesmo ambientada nos anos 50, possui uma temática atual ao abordar, na relação dos personagens, os discursos sobre a masculinidade. Na versão atual do texto literário, encontramos questionamentos e dinâmicas de gênero que ainda estão presentes na sociedade contemporânea e nos remetem a acontecimentos do nosso dia a dia como, presenciar um familiar ou um colega de classe ou trabalho apontar negativamente para habilidades, gestos, estilos e até a cor utilizada pelo outro. Aliado a isso, tradicionalistas ainda propagam uma imagem idealizada de um homem verdadeiro, viril e protetor localizado em um tempo passado para culpar problemas da sociedade contemporânea ou atacar o outro. Essa ideia de homem de verdade condiz com uma identidade fixa sobre os homens, descartando completamente a pluralidade existente no interior desse grupo, como abordado em *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2004) por Silva, Hall e Woodward.

Ao analisar na peça os desejos de Eddie Carbone, observamos não só a tentativa do personagem de anular sua possível bissexualidade para manter a imagem que ele acredita ser certa de um “homem ideal” propaganda pela masculinidade hegemônica, como também a inesgotável tentativa do personagem de punir e categorizar Rodolpho em uma específica categoria. Em *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory* (1998, p. 528), a teórica Judith Butler discorre sobre as punições provenientes de performar algo errado de gênero e a garantia de que existe um essencialismo de identidade de gênero ao executá-lo corretamente. Na peça, observamos, essa dinâmica normativa na performance de Eddie Carbone ao utilizar sua própria masculinidade – e a de Marco – como um parâmetro e na errônea e limitada argumentação dele acerca da identidade de Rodolpho. O personagem assume ao utilizar a frase “Ele não é certo” que as características identitárias de Rodolpho o tornam homossexual e, assim, inferior a ele na hierarquia entre as masculinidades.

Eddie Carbone se baseia em delimitações de gênero para pressupor a homossexualidade de Rodolpho e censurá-lo, porém, no caminho, sua própria

orientação sexual intriga o leitor. Através dos descabidos apontamentos de Eddie sobre o personagem, contemplamos a forma que somos moldados pela sociedade na qual estamos inseridos. Na peça, o personagem reproduz o que lhe foi ensinado desde a sua infância pela sociedade machista e categorizadora da qual é membro, sem questioná-la: seguir um padrão de gênero, um padrão de práticas da forma mais honrada de ser homem e apontar negativamente o que se distancia desses padrões, o “anormal”. Nesse debate, Eckert e McConnell-Ginet (2003) nos ajudam a entender o poder exercido pelas convenções sociais na formação do personagem Eddie Carbone. As autoras afirmam que as convenções nos ensinam maneiras de ser e de fazer as coisas, sem considerar a razão por trás delas e sem reconhecer as estruturas maiores em que se inserem.

O posicionamento de Eddie pode ser interpretado de distintas maneiras e cabe ao leitor selecionar as pistas deixadas no texto literário por meio das falas, gestos e atitudes do personagem em questão. Além do desejo incestuoso de Eddie por sua sobrinha e a relação de subjugação dos personagens femininos da peça, a análise da obsessão do personagem acerca da “efeminação” e da orientação sexual de Rodolpho, além da sua própria orientação sexual, também requerem seu espaço. Dentre as respostas da temática homossexual tratada por Miller na peça, estão, por exemplo, a obrigação da mesma de ser performada de forma privada na Grã-Bretanha, citada anteriormente. Ao abordar essa situação, Miller esclarece para os leitores em sua biografia a temática ao afirmar: “Sem dúvida, por ser tão difundido, se ainda não aceito como lugar-comum, a homossexualidade em 1956 não podia ser referida diretamente no palco” (MILLER, 1987, p. 429 apud HORAN, p. 18, tradução nossa)⁵¹. Demonstrando assim, a tentativa do autor de trabalhar a temática delimitando-se a certas barreiras em decorrência da época.

De acordo com Arthur Miller na introdução do exemplar escolhido, *A View from the Bridge* é uma peça que pela adição de detalhes psicológicos e comportamentais em sua versão final “tornou-se não apenas mais humana, mais calorosa e menos remota, mas também uma declaração clara” (p. 1, tradução nossa)⁵². O autor continua: “Eddie ainda não é um homem pelo qual chorar; a peça não tenta inundar o público

⁵¹ No original: “No doubt because it was so widespread, if not yet accepted as commonplace, homosexuality in 1956 could not be referred to directly on the stage”.

⁵² No original: “[...] the play became not only more human, warmer and less remote, but also a clear statement”.

em lágrimas. Mas agora é mais possível relacionar suas ações com as nossas” (p. 1, tradução nossa)⁵³. Na sociedade da década de 50, Eddie e Marco perpetuam, em medidas diferentes, o conceito da masculinidade hegemônica ao passo que Rodolpho é visto como transgressor. Nela, o personagem não segue os padrões vigentes estabelecidos para o gênero masculino e, por isso, é punido pelos membros da comunidade ítalo-americana. Na sociedade contemporânea, as dinâmicas expostas pelos personagens masculinos são recorrentes, possibilitando a identificação do leitor com o texto literário.

⁵³ No original: “Eddie is still not a man to weep over; the play does not attempt to swamp an audience in tears. But it is more possible now to relate his actions to our own [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, James Truslow. **The Epic of America**. Boston: Little, Brown, and Company, 1931.

AGGIO, Juliana Ortigosa. AS ESPÉCIES DE DESEJO SEGUNDO ARISTÓTELES. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 2, n. XVIII, p. 63-75, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17647>>. Acesso em: 19 out. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. **Theatre Journal**, Baltimore, v. 40, no. 4, p. 519-531, dez. de 1988. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3207893>>. Acesso em: 19 out. 2021.

CAVAIOLI, Frank J. Patterns of Italian Immigration to the United States. **The Catholic Social Science Review**, [S. l.], v. 13, p. 213-229, 2008. Disponível em: <https://www.pdcnet.org/cssr/content/cssr_2008_0013_0213_0229>. Acesso em: 19 out. 2021.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, ed. 1, p. 241-282, 10 maio 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em 25 jun. 2021.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and Gender**. New York: Cambridge University Press, 2003.

HORAN, Thomas. Another View From the Bridge: Arthur Miller's Gay Tragedy. **The Arthur Miller Journal**, Pennsylvania: State University Press, v. 3, n. 1, p. 17-28, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/42908933>>. Acesso em: 19 out. 2021.

MILLER, Arthur. **A View from the Bridge**. Reissue. ed. [S. l.]: Penguin Classics, 1977. E-book.

MILLER, Arthur. **A View from the Bridge**. [S. l.]: Heinemann Educational Books Ltd, p. 7-13, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos Sobre a Masculinidade. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, ed. 1, p. 91-112, 1 janeiro 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PONTES, Andréa Mello. O Tabu do incesto e os olhares de Freud e Lévi-Strauss. **Trilhas Revista do Centro de Ciências Humanas e Educação**, Pará - Belém, v. 5, n.1, p. 07-14, 2004.

POZZO, Barbara. Masculinity Italian Style. **Nevada Law Journal**, Nevada, v. 13, p. 585-618, 17 maio 2013. Disponível em: <<https://scholars.law.unlv.edu/nlj/vol13/iss2/15/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. A concepção de poder em Michel Foucault. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**: Matéria na modernidade e outros ensaios, Bahia, v. 16, n. 28, p. 261-280, 28 jan. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/issue/view/117>>. Acesso em: 1 set. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

Bíblia Católica (Levítico 11). In: **Bíblia Português**. Disponível em: <<https://bibliaportugues.com/kja/leviticus/11.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

Estivador. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estivador>>. Acesso em: 11 out. 2021.

Lord Chamberlain. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lord_Chamberlain>. Acesso em: 21 out. 2021.

The Mills Brothers. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Mills_Brothers>. Acesso em: 19 out. 2021.

THE MILLS BROTHERS. Paper Doll. **Genius**. Disponível em: <<https://genius.com/The-mills-brothers-paper-doll-lyrics>>. Acesso em: 19 out. 2021.

William Faulkner – Banquet speech. **NobelPrize.org**. Nobel Prize Outreach AB, 2021. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1949/faulkner/speech/>>. Acesso em: 19 out. 2021.